

Duas irmãs: o pacto escritural das memórias

RenatoCordeiroGomes

Tantos anos

Rachel de Queiroz e Maria Luíza de Queiroz
São Paulo, SP: Siciliano, 1998

O título *Tantos anos*, assim mesmo simples e despretensioso, a indicar a marca das memórias de Rachel de Queiroz em parceria com sua irmã Maria Luíza, pode remeter tanto para a longa duração que o relato recobre, como para o tempo de espera em que esse livro foi aguardado. Essa expectativa, entretanto, pode conduzi-lo à certa moda que faz proliferar biografias e autobiografias, ou relatos pessoais, que se intensificaram no Brasil e no exterior a partir sobretudo dos anos 80, justamente quando certa linha filosófica decretava a morte do sujeito, e conseqüentemente a morte do autor. Contraditoriamente a essa morte anunciada, o leitor médio que consome avidamente esse tipo de narrativa, busca por trás da escrita detalhes da vida íntima, busca encontrar o autor com seus traços humanos que o desmitificam, permitindo o jogo da empatia, que gera uma encenação de intimidade com aquela pessoa que se expõe na cena escrita.

As memórias de Rachel, contudo, talvez não venham atender a essas demandas do mercado, a esse horizonte de expectativa de certo tipo de leitor. Situam-se, antes, na tradição das narrativas memorialistas que a geração de Rachel vem nos deixando, para compor um grande painel que tende a repre-

sentar uma visão conservadora da sociedade patriarcal brasileira e seus impasses e reações frente às transformações modernizantes, mas excludentes, por que passou o Brasil. Neste aspecto, *Tantos anos* pode ser lido na linha das memórias dos nossos modernistas em que, na perspectiva do presente do escritor entrando nos anos, o eu, agora também no papel de narrador, passa em revista suas vivências, tramando as que são privadas com as que são públicas. O relato, então, do ponto de vista da velhice, constrói as figurações da intimidade e as representações coletivas de uma classe, de uma região, de uma cidade, do país, recolhidas de um tempo vivido pelos mecanismos da memória que insiste em lembrar. Ao tematizar o clã, a família em que o indivíduo se insere, o olhar retrospectivo do presente recupera um tempo perdido, comprometido com as marcas da origem, do lugar de origem.

Marcas desse tipo estão disseminadas por todo o livro das irmãs Queiroz e constituem um traço forte que o articula. Não é, sem dúvida, à toa que o relato se encerra com os quatro últimos capítulos centrados na família, numa espécie de balanço que aponta para as novas gerações dos Queiroz que renovam as alianças do sangue, nas figuras dos “netos” (na verdade filhos da irmã) e bisnetos continuadores da genealogia que fecha o volume. Num desses capítulos intitulado “Minha família”, Rachel, narradora e personagem, declara: “Famílias, a natureza as faz, mas a gente as arruma ou organiza”. Poderíamos acrescentar: na vida e na narrativa. Pois assim é o livro, se alargarmos, metaforicamente, o sentido de família para o círculo dos amigos. Parentesco e amizade são mesmo os dois campos que, somados à política, mobilizam o relato e constituem os dois lados fundamentais da “família que me dei” (para usar a bela imagem de Drummond), construída pela vida vivida, a experiência, e pela vida contada, a narrativa memorialista. Assim, aquela declaração, ao falar da família, fala também do livro de memórias fazendo-se num contar que pressupõe seleção, recortes, arrumados, ou organizados, na ótica, na percepção e no interesse de quem narra. Narrar é dar um arranjo a esse material vário que foi escolhido; dessa organização brotam os sentidos.

A narrativa é o chão simbólico em que se ergue a casa de letras. Se a memória é uma dimensão temporal, aqui ela se produz com o espaço. Todo a narrativa é pontuada pelos deslocamentos, do Ceará, ou mais especificamente, da casa paterna e patriarcal, a Itabuna, a Maceió, a São Paulo, ao Rio de Janeiro, e suas respectivas casas. Há uma recorrência insistente nas imagens de construção de casas distribuídas pelo relato, como tentativa de preservar as marcas de pertencimento, da identidade do clã, marcas de permanência: “Lá (na fa-

zenda “Não me deixes”), realmente, é meu lugar. Cada volta é um regresso. E sinto que lá é o meu permanente. O Rio é o provisório”. O apego à terra e à origem ressalta-se na fala de Maria Luíza, a co-autora: “Mas, em todos os que emigraram (os familiares), a mesma nostalgia do sertão agreste, o permanente sonho de voltar – um dia! No sangue de todos eles, todos os Queiroz, o visceral amor à terra, o que dela brota, o que nela vive”.

O pacto familiar origina-se de “uma espécie de célula única que determinava um igual tipo de índole, de caráter, de comportamento” – como diz Maria Luíza – e produz, em relação ao livro, um outro pacto, o escritural. Foi por insistência e obstinação da irmã que a consagrada escritora e mulher de sucesso aceitou em contar as suas memórias. O livro, assim, é uma fala e uma escuta, geradoras de escrita dupla, em cumplicidade, resultante daquele duplo pacto legitimado pela dupla assinatura. O relato, constituído de trechos ditados ou escritos por Rachel, ou reproduções de conversas, revela também a dupla legitimação por parte de Maria Luíza, “testemunha constante da vida de Rachel” e autenticadora da veracidade do narrado.

Como declaração de princípios, Rachel confirma não gostar do gênero “memórias literárias”, duvidando se seriam realmente literárias, e enfatiza que esse tipo de texto servia, antes, ao culto narcísico do escritor. No mesmo diapasão, acrescenta que abomina “confissões”, por possibilitar a exposição demasiada da intimidade, que também servia ao culto da auto-imagem. Depois desses protocolos que apontam para aquilo que seu texto memorialista não será, Rachel afirma: “Prometo apenas não mentir”. Pretende, então, também estabelecer, através de Maria Luíza, um pacto com o leitor, a quem promete autenticidade, sinceridade, o que dá ao autor-narrador-personagem – enfeixados sob o mesmo nome – uma autoridade que tem por base a “verdade”, que a testemunha da co-autora avaliza (mas, afinal, esta intenção serviria de alibi para barrar o ficcional? o que seria “autenticidade”, o relato colado aos fatos?). Esse aval permite, como Rachel requer, que outro relato (marcado graficamente pelo itálico) contracene com o eixo principal. As memórias são também de Maria Luíza que, em contraponto, narra fragmentos do “romance familiar”, por um viés mais afetivo. Essa voz, em função coadjuvante, ganha força como elemento catalisador em relação à voz dominante. A narrativa na voz de Rachel, por outro lado, conta a sua trajetória de vida, no que tem de pessoal e de coletivo, que se tece, se recorta e se confronta com a própria história política do Brasil. Enquanto em Maria Luíza sobressai os relatos privados, num tom mais emotivo-subjetivo, em Rachel ganha projeção a esfera pública, reforçada por um registro mais objetivo, menos sentimental, o que ela chama

de “estilo ríspido”, mais seco e econômico como o de sua ficção (esse estilo ríspido é que construiria a autenticidade, verdade sem ficção?).

Por esse modo narrativo, é possível não obedecer a uma cronologia rigorosa, o que permite dinamizar o relato, que rememora os fatos de sua ação política que se intensifica a partir dos anos 30, a exemplo de suas ligações com o Partido Comunista, suas prisões, a expulsão do Partido (o delicioso episódio a respeito da censura ideológica ao romance “João Miguel”), o namoro com o trotskismo, as opções anarquistas, as posições contra o Estado Novo, os ecos da guerra, a participação na conspiração contra Getúlio e Jango, as ligações com os militares do regime autoritário pós-64, a amizade com Castelo Branco. Relata ainda a vida literária no Ceará e principalmente no Rio de Janeiro, a entrada para a Academia Brasileira de Letras, os grupos que freqüentava, as amizades, as figuras de Mário de Andrade, de Anibal Machado, de José Olympio e de Daniel Pereira, ambos da famosa editora, Manuel Bandeira e tantos outros que fizeram a história do nosso modernismo. Essas pequenas narrativas da militância política e da vida literária vão se cruzando com as das vivências do sertão, da visceral ligação com a terra, da tematização do clã. A vida mais íntima é, entretanto, preservada; os poucos relatos que se permitiu – a exemplo da perda da única filha, do amor pelo segundo marido – são, todavia, vasadas em contida e contundente emoção, contribuindo para reforçar o componente humano do perfil da autora.

Sobressai do livro de memórias mais uma vez a figura de Rachel como uma grande narradora, que reconfirma a sua verve de fabulação, que ganha o leitor pelo tom de quase conversa. Esse texto feito de fatos e das reações a eles recorta-os e organiza-os antes para comunicá-los que para compreendê-los: eles, os fatos, já estavam compreendidos. Foi estratégia sábia de Rachel dar mais ênfase aos fatos que ao próprio eu, que abre mão da completude, para, através da escrita do eu, dar a ver o outro com quem interage: a família, a terra, a cidade, o país, ainda que, do ponto de vista social, afirme uma singularidade, à medida que afirma a história política do Brasil em que essa singularidade se insere: a de ser mulher, escritora, jornalista e intelectual numa sociedade patriarcal. Ao narrar as suas memórias aos pedaços, vai compondo uma espécie de auto-retrato, de autobiografia, que se vale das vozes dos outros para ganhar contorno, para além, ou aquém, da obra literária que construiu ao longo da vida. Não é através de seus livros publicados que as memórias giram; a história da fatura e da recepção de seus livros de sucesso ganha aí um lugar recessivo, discreto. O que resulta do relato e sobressai nele é um retrato de uma mulher independente, forte, corajosa, com autonomia de pensamento, que “fez coisas

diferentes do que se esperava, diferentes do que os outros fazem, sem aceitar conselhos, sem ligar para a opinião de ninguém”, em quem fica patente a liberdade de espírito, de pensar, de dizer as coisas, como assegura o voz autorizada de Maria Luíza. Por isso, aquela escritora que teve o romance *O Quinze* como certidão de nascimento literário, é há “tantos anos” uma mulher de sucesso.

Renato Cordeiro Gomes é Professor da Puc-Rio